

# Governadores de oposição querem propor alternativa

## Covas diz que plano chega com atraso e Garotinho critica ajuste

• RIO, SÃO PAULO e RECIFE. Muitas das medidas anunciadas ontem poderiam ter sido tomadas há pelo menos quatro anos, disse o governador reeleito de São Paulo, Mário Covas (PSDB). Segundo ele, se o Governo federal tivesse feito o mesmo que ele fez em São Paulo — com reformas desde 1994 — o impacto seria menos doloroso. A reforma administrativa e a imposição de um teto salarial para funcionários públicos, ressaltou, já poderiam ter ocorrido. Covas defendeu também a imediata redução dos juros, o que não foi determinado.

• — O que não foi feito, não foi feito. Não adianta chorar sobre o leite derramado. Agora temos que encarar os problemas — afirmou Covas. — Em São Paulo conseguimos fazer isso sem aumentar impostos.

Já o governador eleito do Rio, Anthony Garotinho (PDT), criticou duramente o plano de ajuste, dizendo que todas as medidas são ruins. Em sua opinião, a redução dos juros seria a medida mais importante para que o país voltasse a crescer. Ele confirmou que participará hoje em Brasília de uma reunião dos novos governadores da oposição, na qual apresentará alternativas às medidas de ontem.

— Alguma coisa tinha de ser feita, alguma iniciativa tinha de ser tomada, mas acho que o Governo escolheu o caminho errado — disse o governador eleito. — O que for bom, vamos aplaudir. O que for ruim, como esse pacote, vamos criticar.

### Jarbas Vasconcelos elogiou aumento da alíquota da CPMF

No Rio Grande do Sul, o governador eleito, Olívio Dutra (PT), disse que o Governo federal “rompeu o pacto federativo, interferindo diretamente na administração financeira de estados e municípios”. Ele e o governador eleito de Alagoas, Ronaldo Lessa (PSB), também estarão em Brasília hoje. Lessa quer reforçar a oposição à aprovação de medidas para cortar verbas de estados e municípios. Eles criticam o Governo por não ter consultado os estados. Em Recife, o governador eleito de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos (PMDB) — contrário à criação de novos impostos — afirmou que as medidas são um sinal de que outras medidas, mais profundas, terão que ser tomadas. O aumento na alíquota da CPMF, disse, foi a medida mais adequada e menos danosa que poderia ter sido tomada. ■